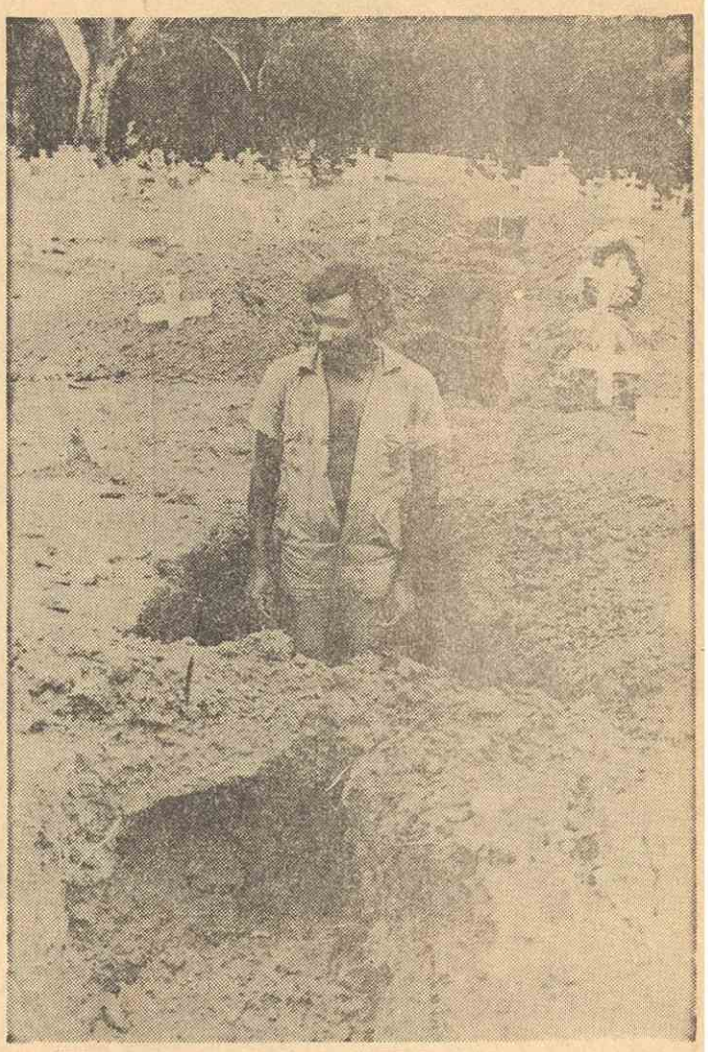
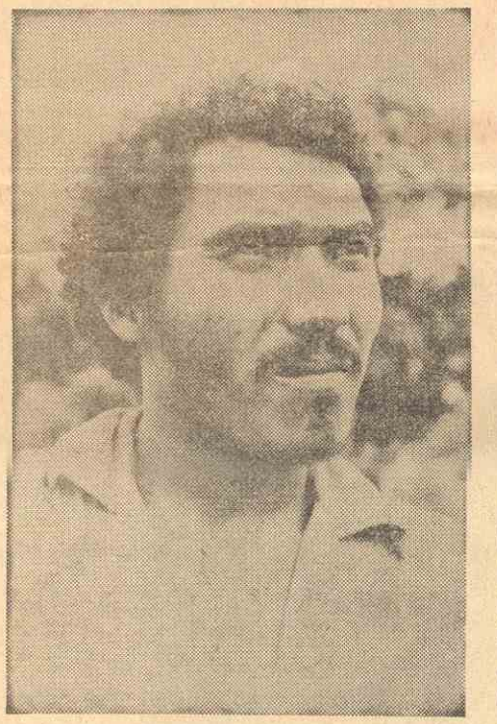
No Campo Santo ricos e pobres se nivelam. E' a morada final...

Acostumado a enterrar gente, o sorridente e brincalhão coveiro Zacarias, homem de "fígado roxo, quase preto", garante que já não tem medo da morte, assunto de conversas diárias com os outros seis colegas.

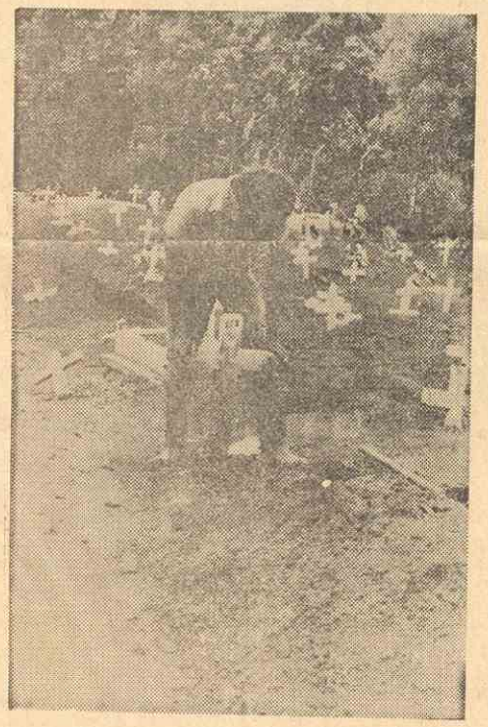
"Coveiro por ser uma profissão que ganha bem", Zacarias tem 20 anos e dois de ofício. Enterrando os mortos de Salvador, ele consegue dinheiro para seu sustento.

Texto IANA





Sorrindo ele fala da rotina do seu trabalho: abrir covas e enterrar os mortos de Salvador



A profissão tem seus ossos, como todo oficio. E o pior de ex, segundo o coveiro Zacarias, não é enterrar gente, "mas desenterrar defunto de anos"

"Cada um vive como pode. E viver como coveiro é mais do que poder viver". O baiano Zacarias da Silva Carvalho, nascido em Aracy há 20 anos, dos quais 2 como coveiro do cemitério da Federação, que prima, como outros, pela falta de originalidade do nome: Campo Santo.

Como coveiro-chefe de uma turma de seis homens encarregados de abrir uma média diária de cinco covas cada um (quando o serviço não aperta) Zacarias fala menos e sorridente sobre o seu serviço, tido como macabro mas encarado por ele com a naturalidade de que tem de enfrentar qualquer trabalho por falta de especialização.

"Além do mais nunca vi assombração e se realmente existe não pretendo vê-las" — diverte-se Zacarias, gozador, explicando que é preciso ter o fígado roxo, quase preto, para fazer alguns sepultamentos ou exumações que aparecem por aqui". Diz ainda que diversos de "fígado amarelo" abandonam a profissão quando pegam um defundo meio passado.

"Esses ficam de tal forma, sem comer, amarelos que a gente tem impressão que logo estamos enterrando eles" uma risada larga aparece no rosto de Zacarias que demonstra uma intimidade quase que macabra com a morte.

O início da conversa com o coveiro, realizada no patio do cemitério, é um pouco decepcionante. Não surgem, às primeiras perguntas, os fatos pitorescos que sempre se espera encontrar em situações semelhantes. Para começar ele lembra que outros jornalistas já passaram por alí, com as mesmas perguntas e a mesma promessa de trazer uma cachaca de presente. "E ninguém, vivo, voltou".

Todos eles já não se assustam com a morte — pelo menos com a dos outros — e assim, insensíveis, vão citando dados frios das estatísticas possíveis em um cemitério. Com os números, Zacarias acompanha sua vida. "Desde que cheguei aqui já enterramos mais de 4 mil pessoas. Isso em 2 anos representa um grande acabamento".

"Durante esses dois anos só em sete dias (conta de mentiroso), não apareceu trabalho para fazer. Em compensação, no ano passado em um só dia, enterramos vinte. Algumas moças em um dia só e outras normais. Com esta vivência, a gente vai se acostumando ao trabalho, só de vez em quando é que dá um nó no pescoço, como alguns meses atraz, quando enterramos umas crianças mortas no desabamento da Montanha".

"Muitas pessoas que ocuparam cargos importantes nesta terra já vieram para cá andando na mão dos outros". Zacarias diz que é impossível saber a identidade do morto, pois quando o caixão chega até eles para o sepultamento, vai apenas com o número da guia expedida pela administração do Cemitério. "Entretanto, de acordo com os acompanhantes e parentes dá para notar se o defunto era granfino ou não".

O coveiro sempre recebe alguma gorjeta, principalmente daqueles que pedem para que cuidem do jazigo onde está algum parente. As vezes pagam até mensalidade para esse tipo de trabalho. E há sempre muita boa vontade do povo para com o coveiro, principalmente a classe mais humilde.

Morte, contudo, é um assunto que parece não agradar a nenhum coveiro. Eles preferem falar de piadas e coisas de mortos. Sobre a existência de "almas penadas" contesta Zacarias sua existência dizendo: "Se alguem viu, eu digo na cara que é mentira", e conta um caso.

"Quando morreu um fazendeiro lá em Aracy eu e um amigo fomos aos herdeiros e informamos que o falecido estava devendo um churrasco para os pobres de uma vila próxima à sua propriedade. Imediatamente destinaram um garrote vermelho para pagar a promessa". Não deu três meses depois da morte e veio uma nora do defunto dizendo que tinha visto uma visagem do morto perto do curral, pedindo que durante o churrasco não se esquecessem de oferecer doces para os convidados. Rimos muito, eu e o amigo da combinação. No dia da festa, comemos o garrote e muito doce".

"Por isso não tenho medo de falar. Se alguém disse que viu assombração, está mentindo".

Ser humano

Todos que vivem da profissão de sepultar gente, no "Campo Santo", têm equipamentos adequados, como fardas, luvas e botas.

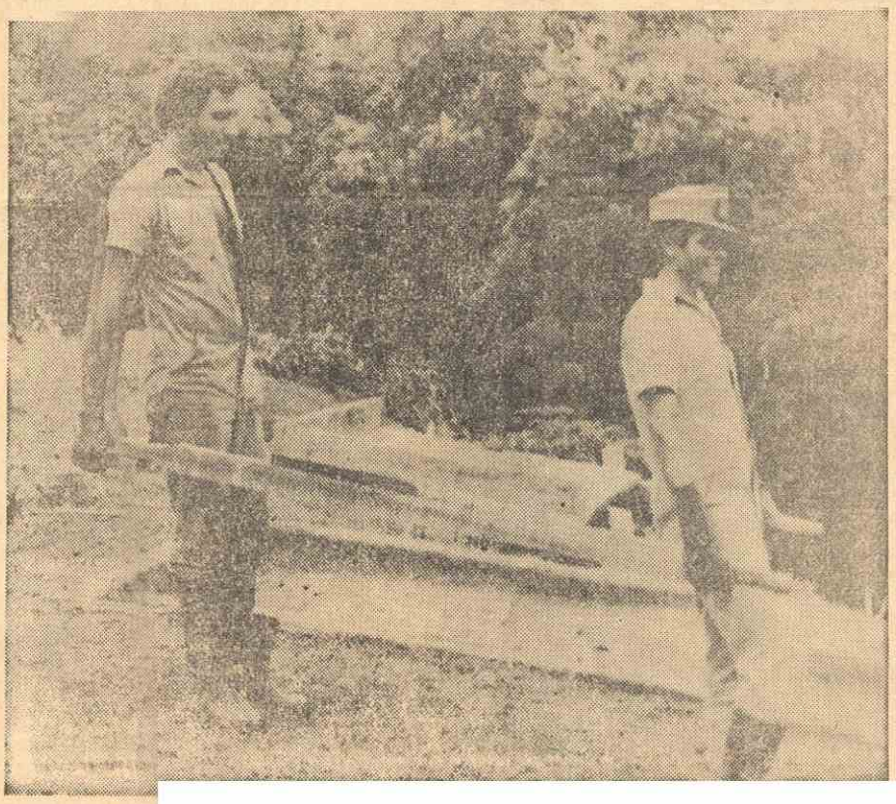
Além do salário de dois mil cruzeiros, o coveiro ganha o adicional de insalubridade. Este adicional é decorrente do serviço insalubre, como cavar covas, fazer exumações, e o trabalho efetuado em lugares desprovidos de coberturas.

"O coveiro, afirma Zacarias, é um ser humano como qualquer um, granfinos ou humildes, pois todos têm o mesmo caminho".

Velhice e morte

Quando o coveiro vai ficando velho, perdendo aquele vigor, físico, ele passa a categoria de zelador, fazendo também sepultamentos, porém em mausoléus, campas e carneiras. É um trabalhador mais categorizado do que o coveiro.

"Ter medo da morte é uma ilusão, pois este é o fim de todos e os exemplos estão diante de nossos olhos a toda hora". — conclui rindo esse jovem operário da morte.



Eles se habituaram à morte de tal modo, que fazem seu trabalho sorrindo.